

**HERBERTO HELDER: DA COMPLEXIDADE DO
ESPAÇO URBANO À SIMPLICIDADE DA NATUREZA.
D' OS PASSOS EM VOLTA A O BEBEDOR NOCTURNO¹**

Marco André Fernandes da Silva²

RESUMO: Dos vários contos que compõem *Os passos em volta* de Herberto Helder, sobressai uma imagem complexa do espaço urbano que contrasta com a simplicidade de um ambiente natural que *O bebedor nocturno* inaugura e que se prolongará pelos restantes *Poemas mudados para português*. Neste artigo, mostraremos esse contraste.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; marginalidade; labirinto; natureza; harmonia.

**HERBERTO HELDER: FROM THE COMPLEXITY OF
URBAN SPACE TO THE SIMPLICITY OF NATURE.
FROM *OS PASSOS EM VOLTA* TO *O BEBEDOR NOCTURNO***

ABSTRACT: From the several short stories that compose Herberto Helder's *Os passos em volta*, a complex image of the urban space emerges. This image, however, contrasts with the simplicity of the natural environment that *O bebedor nocturno* begins and that will continue for the remaining *Poemas mudados para português*. In this article, we will present that contrast.

KEYWORDS: City; marginality; labyrinth; nature; harmony.

¹ No que toca ao título desta obra de Herberto Helder, optamos por respeitar aqui a grafia original.

² Mestre em Literatura Portuguesa. Atualmente, é doutorando, também em Literatura Portuguesa, na Universidade Católica Portuguesa – Braga (Portugal), e membro investigador do CEFH – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos. Beneficia de uma bolsa de investigação da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do QREN-POPH-Tipologia 4.1-Formação Avançada, comparticipada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MCTES, e na qual este artigo se pode inserir. Contato: maffsilva@gmail.com

1. Introduzindo o percurso

Os passos em volta de Herberto Helder podem parecer, numa primeira leitura, uma obra constituída por vinte e três contos díspares e um pouco insólitos, isto é, uma obra que carece de uma unidade estruturante que muito se deve a uma despreocupação subversiva pelas categorias da narrativa e ao tom eminentemente subjetivo, poético e fortemente simbólico que perpassa por quase todos os textos. “*Os passos em volta* são a minha primeira tentativa de superar a dicotomia prosa-poesia”, disse uma vez Herberto Helder (1964, p. 15) numa das suas escassas entrevistas; “contos de um poeta”, disse Massaud Moisés (1985, p. 366); “prosoemas”, diria Oswaldino Marques, à semelhança do hibridismo de género que perpassa pela obra de João Guimarães Rosa. Seja como for, e já numa segunda leitura, diversos elementos textuais vão emergindo de conto em conto e interligando-se harmoniosamente, ao mesmo tempo que vão contrariando essa ideia da falta de unidade.

Com efeito, quem lê *Os passos em volta* com atenção facilmente dá conta da presença de um poeta anónimo, solitário, viajante, a personagem central da obra, o protagonista, que deambula de conto em conto, de quarto em quarto, de bar em bar e, para o que nos interessa, de cidade em cidade. Independentemente do nome das várias cidades europeias que vão surgindo ao longo da obra, como Lisboa, Paris, Bruxelas, Antuérpia, entre outras, podemos afirmar que o espaço urbano é um dos grandes cenários de fundo ou o macroespaço d’*Os passos em volta*. É nele, a partir dele e em volta dele que Herberto Helder desenvolve grande parte das suas sequências narrativas.

No entanto, depois d’*Os passos em volta*, assiste-se a uma espécie de deslocamento temático por parte do poeta português. O espaço urbano esvai-se para dar lugar a um outro espaço, que não é propriamente campestre nem funciona como uma manifesta oposição à cidade, embora se afaste desta. Trata-se antes de um espaço ancestral ou primitivo onde a natureza e muito do que a ela está associado povoam as várias obras que constituem atualmente os *Poemas mudados para português: O bebedor nocturno, As magias, Ouolof, Poemas ameríndios e Doze nós numa corda*. É certo que estas cinco obras, como traduções que são, ou melhor, para nos servirmos do entendimento de Heberto Helder, como “poemas mudados para português” que são, refletem também uma procura da palavra poética por textos marginais à tradição literária portuguesa. Mas não é só isso. Esta iniciativa herbertiana constitui mais uma experiência pessoal, à semelhança da apropriação e colagem que realiza em *Húmus* ou até mesmo da poética fragmentária de *Photomaton & vox* ou ainda da

antologia “ferozmente parcialíssima” (HELDER, 1985, p. 8) *Edoi lelia doura*, que procura fundar “um cânone radicalmente diferente, que possa servir como ruído-de-fundo que impeça leitores e escritores e textos de esquecer o modo como culturas, literaturas e tradições diferentes por vezes colidem e outras se ignoram mutuamente” (BUESCU, 2009, p. 52). cremos, pois, num plano temático, que esse deslocamento cidade/natureza que Herberto Helder preconiza entre *Os passos em volta* e os *Poemas mudados para português* pode efetivamente ser visto nesta perspetiva de resgatar do esquecimento um espaço arcaico natural e genuíno, onde a natureza se projetava na e pela palavra, onde a natureza, o homem e a palavra formavam uma tríade de equilíbrio e de harmonia, que se foi perdendo nos meandros dos avanços científico-tecnológicos e na conseqüente modernização urbana e social.

Por uma razão essencialmente pragmática, que tem a ver com os limites deste artigo, apenas nos centraremos aqui n’*O bebedor nocturno*, não só por ser, dentro da bibliografia herbertiana, uma das obras mais próxima d’*Os passos em volta*³, mas também por conseguir reunir em si aspetos transversais a todos os *Poemas mudados para português*, principalmente no que diz respeito a esse espaço primitivo que se desapega do urbano. Sendo assim, o que pretendemos mostrar, a um nível temático, uma vez que estamos a pôr lado a lado duas obras herbertianas que pertencem a géneros literários distintos, é, num primeiro momento, a imagem do espaço citadino que Herberto Helder desenvolve ao longo d’*Os passos em volta* para, num segundo momento, darmos conta desse deslocamento que é iniciado com *O bebedor nocturno*.

2. O espaço urbano d’*Os passos em volta*: complexidade, marginalidade e labirinto

Várias são as cidades enumeradas nos contos d’*Os passos em volta*. Quase todas se circunscrevem ao espaço europeu, com a exceção de Singapura. É por elas que vemos a personagem central da obra a deslocar-se numa viagem que é sobretudo interior, mas que é motivada por aquilo que exteriormente vai observando e encontrando pelos diversos espaços urbanos que percorre. Digamos que é a cidade e tudo aquilo que ela concentra em si que permitem uma transfiguração da realidade e uma divagação interior, mais ou menos à semelhança de Cesário Verde, esse outro poeta da cidade:

³ Apenas cinco anos separam a primeira edição d’*Os passos em volta* (1963) da primeira edição d’*O bebedor nocturno* (1968).

Em janeiro eu estava em Bruxelas, nos subúrbios, numa casa sobre a linha férrea. Os comboios faziam estremecer o meu quarto. [...] Eu pensava em Deus quando os comboios trepidavam nos carris e apitavam tão perto de mim. Quando iam possivelmente a caminho de Antuérpia. Pensava nos comboios como quem pensa em Deus: com uma falta de fé desesperada. [...] Antuérpia não é um sítio final. É uma cidade como as outras: com bares e nevoeiros, o silêncio, as pessoas, as vozes, a matemática impenetrável das suas multiplicações e desmultiplicações, e o fluxo e refluxo das imagens. Em Antuérpia há prostitutas, há um calor humano degradado, a embriaguez. Lá também se morre. Talvez alguém tenha ressuscitado em Antuérpia. Não sei. (HELDER, 2001, p. 47-48).

Efetivamente, Antuérpia não é a cidade ideal ou desejada d'*Os passos em volta*. Na verdade, e apesar de a personagem pensar nela com alguma insistência, trata-se de “uma cidade como as outras”, expressão que traduz uma visão muito específica do espaço urbano e que, no fundo, quer dizer que entre Bruxelas e Antuérpia, assim como entre outras cidades, não há grandes diferenças. O que existe numa existe noutra ou em todas. Neste sentido, Antuérpia pode ser vista como uma sinédoque de todo e qualquer espaço citadino presente n'*Os passos em volta*.

Além desta ideia, a descrição incluída no excerto também permite destacar elementos, ambientes e locais que incidem sobre uma vertente humana complexa, solitária, incompreensível e desgastada, tipicamente citadina e tacitamente entendida através da referência aos “bares”, à “embriaguez”, às “prostitutas” ou ao “calor humano degradado”. E, ao longo dos contos d'*Os passos em volta*, vê-se, de facto, com alguma frequência o protagonista a percorrer esses locais e/ou a relacionar-se com todo esse lado socialmente considerado mais obscuro, excessivo e transgressivo.

Em «Polícia», vemo-lo também em Bruxelas. Estando sem trabalho e com pouco dinheiro, “vagueava pela cidade. Era já perigosamente conhecido *Au Nord*, perto da estação, onde as putas e os chuis eram mais que as mães” (HELDER, 2001, p. 28). Em «O grito», encarnando a personalidade de um empregado de escritório, o protagonista encontra-se num bordel, ebriamente perturbado, a construir uma retrospectiva do momento marcante em que esteve preso. Enquanto vai recordando o seu passado, várias sequências alternadas dão-nos um balanço do presente, isto é, da sua solitária e insuportável existência urbana, dividida entre “o trabalho, as noites no café, no cinema, um livro, a visita a um prostíbulo” (HELDER, 2001, p. 35). Em «Vida e obra de um poeta», ouvimo-lo a falar de Paris, a lembrar-se dos passeios noturnos por Pigalle, do que por lá via e sentia, e das dormidas “nas retretes, nas retretes privadas, nas retretes das casas das outras pessoas!” (HELDER,

2001, p. 148), enquanto a sua obra poética ia nascendo. Em «Duas pessoas», não é ele quem visita um prostíbulo, mas é visitado por uma prostituta, “que chega cheirando à cidade noturna” (HELDER, 2001, p. 162). Enfim, exemplos semelhantes sucedem-se um pouco pelos diversos contos d’*Os passos em volta*. Esteja em Bruxelas ou em Antuérpia, esteja em Paris, em Lisboa ou numa qualquer cidade da Holanda, a imagem do espaço urbano que se vislumbra na obra é realmente noturna, vil, confusa, perigosa e até imoral para algumas sensibilidades.

Apesar de se notar algo de *flâneur* neste protagonista d’*Os passos em volta*, a realidade da cidade que lhe interessa não é, contudo, a das multidões. Este lado da cidade na obra herbertiana, como vemos a partir de uma cervejaria, em «Como se vai para Singapura», é onde é “tudo falso, luminoso, necessário”; é onde “a cidadezinha lá fora [se] pulveriza sob a pressão dos mitos” (HELDER, 2001, p. 109); é onde as leis, a ordem e a organização imperam, incutem medo e, de certa forma, coartam a liberdade do protagonista, como assistimos no conto «O coelacanto»:

A cidade era inatacável. A máquina funcionava: os jardins, e as polícia, e os nomes, as imagens caçadas no ar, o trânsito das metáforas bancárias, ou os quartos onde se acorda para morrer, ou os nexos da lembrança, e a carne negra sobretudo quando os incêndios ameaçavam passar de casa para casa, tudo: a vida inteira estancada como um dia entre duas noites, os medos, os ministérios. (HELDER, 2001, p. 64).

Em boa verdade, nenhum destes aspetos da cidade o consegue atrair. Muito pelo contrário, é precisamente o inverso desta realidade (SILVA, 2009) que o seduz. E é nele que, curiosamente, se sente bem. Com efeito, mais do que a cidade em si, geograficamente representada, é sobretudo esse microespaço muito peculiar, marginal e obscuro que existe dentro da cidade que desperta o seu interesse, porque dele sobressai não só uma complexidade sociocultural, mas também e sobretudo uma complexidade humana e pessoal com contornos poéticos e simbólicos muito fortes.

Para o protagonista d’*Os passos em volta*, um poeta solitário, um estrangeiro que salta de cidade em cidade, de país em país, esse lado menos procurado do espaço urbano é visto “como um caminho de conhecimento, uma complexa viabilidade” (HELDER, 2001, p. 150) para se definir, para se esclarecer, para se perceber, numa palavra, para alcançar o seu *estilo*, que é “um modo subtil de transferir a confusão e violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação” (HELDER, 2001, p. 9). Porque todo o ser humano também tem um lado mais obscuro e devasso, muitas vezes incompreendido e asfíxiado

socialmente, esses locais e ambientes citadinos marginais conseguem encontrar uma certa correspondência na personalidade do protagonista. Para este, conhecê-los é conhecer-se e estar pronto para criar a sua poesia. Nesse sentido, além de a cidade n’*Os passos em volta* poder ser vista não só como um simples *topos*, mas como uma espécie de antropoide, com qualidades e valores próximas do caráter humano (AUGUSTINE, 1991, p. 74), a cidade com o seu lado marginal também se torna uma ampla “unidade de significação”, um mapa poético urbano que ele percorre e que o tenta ajudar a “suportar a desordem estuporada da vida” (HELDER, 2001, p. 9). E quanto mais se entranha nesse meio, mais o protagonista julga que é capaz de descobrir o poder oculto, obscuro e poético que existe nele.

O problema é que a “legibilidade” desse mapa urbano, para utilizar um conceito de Kevin Lynch (1960), de tantos passos em volta que são dados, acaba mesmo por se diluir e se transformar num verdadeiro labirinto. E esta é uma outra imagem tipicamente urbana que, a par da marginalidade, se destaca desta obra de Herberto Helder. Curiosamente, é com a chegada do protagonista a Antuérpia, em «Descobrimento», que esta realidade labiríntica da cidade se desenvolve, muito embora já esteja insinuada não só no título da obra, como também na arquitetura e na organização dos vários contos que a enformam. Nessa cidade fria do norte,

Os anúncios luminosos pulsavam: era o corpo da cidade; essas figurações vivamente entalhadas na noite, essa escrita brusca, renascida, eram indecifráveis para um intruso. Entendemos tão pouco as belezas bárbaras da civilização. Com o doloroso propósito de descoberta, ele era apanhado nas pistas inextricáveis de uma cidade do norte. As próprias pistas interiores confundiam-se, invadidas pelo nevoeiro. Caminhou sob o fascínio misterioso das lâmpadas que acendiam e apagavam – ele, o pequeno homem só, o homem feroz que vinha inspirado de muito longe e procurava – caminhou por uma rua, e por outra depois, e foi ter a uma cervejaria. Entrou e pôs ao lado da primeira mesa a mala de descobridor de cidades. (HELDER, 2001, p. 86).

Os traços “indecifráveis” e “inextricáveis” dessa cidade, que simultaneamente confundem e fascinam esse “descobridor de cidades” que acaba de chegar, revelam bem o quanto labiríntico pode ser o espaço urbano. Mais: se Antuérpia é “uma cidade como as outras” (HELDER, 2001, p. 47), como ele já nos garantiu anteriormente, então as várias cidades que surgem n’*Os passos em volta* também podem ser consideradas autênticos labirintos. Neste sentido, o protagonista torna-se uma espécie de Teseu urbano, mas sem qualquer fio de Ariadne que o ajude, a não ser talvez a sua forte convicção. É interessante salientar essa necessidade que o protagonista sente de percorrer os labirintos citadinos,

porque a sua procura depende do sucesso da sua investida, mesmo que a dúvida assalte o pensamento: “e que era uma cidade, para que servia uma cidade?” (HELDER, 2001, p. 87).

De acordo com a sua mundividência, nós diríamos que serve realmente para ser explorada e descoberta como se fosse um desafio. E aceitar um desafio ou percorrer um labirinto revela sempre a mesma atitude, isto é, querer e saber mais, testar os seus limites, sair da esfera do comum e do banal, ser outro sendo ele próprio. No entanto, e da mesma forma que os desafios nem sempre se conseguem ganhar, os labirintos nem sempre têm uma saída ou então, no mínimo, podem levar sempre ao mesmo sítio. Por isso, quando em Antuérpia ele encontra e percorre aquela rua circular, durante “cinco ou seis vezes, talvez mesmo sete vezes” (HELDER, 2001, p. 88), que labirinticamente conflui sempre para o mesmo largo, para o mesmo centro, além da perplexidade e da dúvida, surge também uma constatação. “Pode-se recomeçar cem vezes uma frase musical. Comprava-se cem vezes o resultado de uma experiência física ou química” (HELDER, 2001, p. 89). Pode-se até percorrer cem vezes um labirinto, seja ele urbano, seja ele marítimo, como o do Ulisses, esse outro eterno estrangeiro, que a conclusão a que se chegará será sempre a mesma a que este protagonista chega: “tudo é eternamente recomeçado” (HELDER, 2001, p. 89). Ou seja, o ponto de chegada, por vezes, (con)funde-se com o ponto de partida. Quando se pensa que se alcançou o fim, na verdade, apenas se está a iniciar uma nova partida, porque o fim de uma rua citadina pode ser o começo de outra. Uma praça ou um largo pode ficar num centro qualquer, mas este não tem necessariamente de ser um fim, pois pode afinal ser um começo. Enfim, trata-se de uma questão de perspetivas que, n’*Os passos em volta* de Herberto Helder, é recorrente e é motivada pelas várias cidades em que o protagonista se desloca e pela forma como ele as apreende.

No entanto, quanto mais se percorre o labirinto, quanto mais a cidade proporciona uma série de novas realidades, vivências e experiências que vão sendo naturalmente absorvidas, maiores também podem ser as ilusões e as desilusões. Daí que perto do final da obra, em «Brandy», produzindo uma espécie de balanço da sua situação por meio do álcool, líquido que estimula uma compreensão sincera e íntima do eu mais profundo (BACHELARD, 1972, p. 152), ele afirma: “[...] agora estou cheio de pessoas, lugares, acontecimentos, ideias, decisões. E tudo me parece um deserto” (HELDER, 2001, p. 182). Este sentimento antitético e um pouco angustiado que, por entre vários copos de brandy, assola o protagonista é bem revelador da natureza labiríntica e desordenada da cidade, pois o efeito desta pode ser precisamente o contrário, o inverso do pretendido. Dito de outra

forma, ao longo da sua viagem, em que repetidamente percorreu cidades atrás de cidades ou todos esses labirintos urbanos, e apesar do seu constante movimento, da sua intrínseca agitação, do seu lado mais marginal, entre outros aspetos, o protagonista nunca conseguiu encontrar aquilo que ele julgava querer encontrar no início da partida: “assim se perde uma vida, ou serviu ela apenas para este ganho obscuro: a pureza adquirida na desordem, e depois a fusão dos dias múltiplos numa única noite originária” (HELDER, 2001, p. 191).

Não se pense, contudo, que esta frase, retirada do último conto, «Trezentos e sessenta graus», em que o vemos a regressar a casa, quer significar *o* fim. Pelo contrário, é apenas mais *um* fim. Como próprio título sugere, uma nova partida iniciar-se-á com esta chegada. Daí que *Os passos em volta* e, em boa verdade, todo esse seu espaço urbano, por causa deste movimento contínuo e constante em que o protagonista se encontra, possam ser vistos, na verdade, como “o espaço sem volta” (REBELO, 2008, p. 91-96).

3. A natureza d’*O bebedor nocturno*: contraste, simplicidade e harmonia

Mas esta afortunada e sugestiva expressão de Marco Rebelo pode também ser vista de um outro prisma. Em boa verdade, depois d’*Os passos em volta*, a cidade tornou-se um “espaço sem volta” na produção literária de Herberto Helder. Melhor dizendo, se, por um lado, podemos considerar residual a presença do espaço urbano na sua vertente poético-ficcional, por outro lado, essa presença poderá ser considerada nula na sua vertente de tradutor. Efetivamente, os *Poemas mudados para português*, e mais concretamente, *O bebedor nocturno*, inauguram um interesse por um ambiente bem diferente do urbano e que começa logo na apropriação de textos pertencentes a culturas, tribos e povos ancestrais e primitivos que se afastam do continente europeu para se aproximar da Ásia, da África e da América. Deste modo, podemos afirmar que, entre *Os passos em volta* e *O bebedor nocturno*, assiste-se a uma mudança de espaços que deixa latente uma espécie de deslocamento temático, que já demos conta no início deste artigo.

É certo que a marginalidade e o labirinto continuam a existir, mas não na cidade. É sobretudo nessa peculiar seleção e organização de textos que Herberto Helder muda para português, os quais, pela áurea de ancestralidade de que estão imbuídos, fazem emergir uma ambiência natural, harmoniosa, colorida e, acima de tudo, simples, onde a mente e os

sentidos humanos se tornam mais apurados e menos confusos, como o demonstram, por exemplo, os poemas zen e os haikus japoneses:

No fundo das montanhas está guardado um tesouro
para aquele que nunca o procurar.

*

As colinas são azuis por elas mesmas;
por elas mesmas, brancas são as nuvens.

*

Sentada calmamente sem coisa alguma fazer,
aparece a primavera, e cresce a relva.

(HELDER, 2010, p. 83).

Ervas do estio:
lugar onde os guerreiros
sonham.

*

Um cuco
foge ao longe – e ao longe,
uma ilha.

*

Primeira neve:
bastante para vergar as folhas
dos junquilhos.

(Basbó)

(HELDER, 2010, p. 135).

Como facilmente se nota, aqui tudo é límpido; nada há de obscuro. A vida e a natureza obedecem a um ritmo cósmico que contrasta com a envolvência inextricável e o movimento contínuo do espaço urbano d’*Os passos em volta*. É certo que os poemas que Herberto Helder traz para a língua, a literatura e a cultura portuguesas pertencem verdadeira e essencialmente a outros poetas, culturas, tribos e povos primitivos. No entanto, e apesar do caráter “dissonante” (BUESCU, 2009, p. 58) dessa seleção e organização, Herberto Helder não os escolhe por mero acaso. Lidos com atenção, os vários livros que compõem os *Poemas mudados para português* apresentam harmonia e pontes de contato, entre eles, dentro deles e com outras obras herbertianas.

No caso d’*O bebedor nocturno*, mas não só, entre outros aspetos interessantes, sobressai um conceito entre o homem e o espaço bem diferente daquele que vemos n’*Os passos em volta*, em que o protagonista salta de lugar em lugar, de cidade em cidade, revelando alguma inadequação não só ao espaço urbano, como também à realidade político-social que a rege. Aliás, o facto de ele se encontrar, com alguma insistência, em espaços fechados (a cervejaria, o bar, o quarto) e socialmente pouco padronizáveis (locais

onde a prostituição, a marginalidade e o *underground* proliferam), assim como a solidão que o acompanha, mostram bem essa dificuldade em estar na cidade ou em pertencer a ela. Daí que a imaginação e a transfiguração da realidade, por ação do álcool ou não, e por não poderem ser coartadas, sejam uma constante. Ou seja, sente-se ao longo d’*Os passos em volta* que há uma necessidade latente e permanente de mudança, de deslocamento no espaço. Herberto Helder, ao focar e destacar a cidade ao longo dos contos, ao (d)escrivê-la, mostra-nos que ela é, na verdade, um *lugar* constituído por vários *lugares*; um lugar de divisões, de contrastes e de desunião; um lugar “difícil, sempre difícil” (HELDER, 2001, p. 48).

Ora, em muitos dos poemas mudados para português d’*O bebedor nocturno*, encontramos um conceito bem diferente desse, já que se destaca uma forte imagem de união, de proximidade, de apego e de pertença entre o homem e a natureza, ao mesmo tempo que se evidencia um verdadeiro sentido de lugar (*sense of place*), para utilizar um conceito “que ha caracterizado de forma significativa los estudios ecocríticos” (FLYS JUNQUERA, MARRERO HENRÍQUEZ, BARELLA VIGAL, 2010, p. 20), que era precisamente um dos apanágios de diversas sociedades e culturas primitivas. Nestas, o homem, além de reconhecer o poder da natureza, porque sabe, no seu íntimo, que lhe pertence, também é capaz de se deixar encantar, desde que esteja atento, pelo espetáculo natural que ela produz:

Rio azul

Múrmuro, um rio de pérolas corre transparentemente.

Grande árvores o cobrem de sombra ao meio-dia,
e a flor das águas é cor de ferrugem.

Guerreiro com loriga, envolto em sua túnica de
brocado, estendido à sombra da bandeira.

(*Muhammad Ben Galib Al-Rusafi*)
(HELDER, 2010, p. 121).

Apesar do contraste que temos vindo a expor, não queremos, porém, transmitir a ideia do espaço d’*Os passos em volta* como um *locus horrendus* urbano que se converte num *locus amoenus* n’*O bebedor nocturno*. Aliás, nem será tampouco essa a intenção de Herberto Helder. O que nos parece é que essa viagem do protagonista d’*Os passos em volta*, que muito tem em comum com uma das viagens que o próprio Herberto Helder fez, e que leva Maria Estela Guedes (2010, p. 61) a falar, e bem, numa “construção biográfica” da escrita

herbertiana, serviu, no fundo, para compreender que a essência da poesia ou o *estilo* não têm necessariamente de ser encontrados na complexidade (da cidade), pois, em boa verdade, também podem ser descobertos na simplicidade (da natureza).

Vista muito mais do que um simples local onde os recursos naturais abundam, e que por isso deve ser preservada, respeitada e venerada, seja através de sacrifícios, rituais ou orações, seja através de outras formas, a natureza, presente n’*O bebedor nocturno*, é também um local onde as cores, os aromas, os segredos, os sons, os ritmos, os símbolos, as metáforas e afins estão à disposição das palavras:

Deitada, repousa a flor. Deitado, além repousa o canto.
Lapido esmeraldas, derreto o ouro: e eis o meu canto.
Engasto esmeraldas: eis o meu canto.
O homem inclina-se para polir o canto como uma turquesa.
(HELDER, 2010, p. 59).

4. Concluindo

De certa forma, o que Herberto Helder propõe, com *O bebedor nocturno* e, depois, com os restantes *Poemas mudados para português*, não é só um regresso às origens da palavra poética; é também um encontro e um contato com um ambiente natural e simples que se foi perdendo ao longos tempos e à medida que as cidades foram crescendo. “A vida de um homem pode ser simples, rodeada pelas coisas nunca inquiridas” (HELDER, 2001, p. 72), diz o protagonista no conto «Escadas e metafísica». A realidade aqui expressa, que em muito nos faz lembrar o mestre de Fernando Pessoa, esse simples guardador de rebanhos, Alberto Caeiro, traduz bem o quanto a cidade e o ser humano se equivalem na sua complexidade.

N’*Os passos em volta*, estar e andar na cidade parece ser uma opção, mas isto faz com inevitavelmente que se tenha a necessidade de tudo pensar e analisar, de viver na constante interrogação e na permanente dúvida, atitudes que podem trazer angústia, desilusão e cansaço, como vimos. Muitos dos poemas d’*O bebedor nocturno*, pelo contrário e à semelhança, aliás, do que Alberto Caeiro revela a Fernando Pessoa, mostram-nos que, ao viver em harmonia com a natureza, sem grandes abstrações ou metafísicas, produtos do pensamento humano que levam a “uma suspeita, um assombro latente, uma subtil incompreensão” (HELDER, 2001, p. 72), se consegue alcançar uma simplicidade e uma pureza que brotam da *ordem* cósmica e natural, idêntica àquela com que o homem primitivo

se fazia rodear, e não da *desordem* da realidade citadina, que o homem moderno acabou por provocar e desenvolver.

Referências bibliográficas

AUGUSTINE, Jane. From *topos* to anthropoid: the city as character in twentieth-century texts. In: CAWS, Mary Ann (ed.). *City images: perspectives from literature, philosophy, and film*. New York: Gordon and Breach, p. 73-86, 1991.

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. Trad. Maria Isabel Braga. Lisboa: Estúdios Cor, 1972.

BUESCU, Maria Helena. Herberto Helder: uma ideia de poesia omnívora. *Diacrítica*. Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, n. 23/3, p. 49-63, 2009.

FLYS JUNQUERA, Carmen, MARRERO HENRÍQUEZ, José Manuel, BARELLA VIGAL, Julia (eds.). *Ecocríticas. Literatura y medio ambiente*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2010.

GUEDES, Maria Estela. *A obra ao rubro de Herberto Helder*. São Paulo: Escrituras, 2010.

HELDER, Herberto. *Edoi lelia doura. Antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985.

_____. *Os passos em volta*. 8.^a ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

_____. *O bebedor nocturno. Poemas mudados para português*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

LYNCH, Kevin. *The image of the city*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

MOISÉS, Massaud. Herberto Helder. In: *O conto português*. 3.^a ed. São Paulo: Cultrix, p. 366-370, 1985.

REBELO, Marco. *O espaço sem volta. Do spleen de Baudelaire aos passos de Herberto Helder*. Lisboa: Vendaval, 2008.

SILVA, Marco. *Os passos em volta de Herberto Helder. Uma viagem pelo inverso da realidade*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia - UCP, 2009.

Artigo recebido em: 24 de Julho de 2012.

Artigo aprovado em: 01 de Dezembro de 2012.